



**UNIVERSIDADE FRANCISCANA – UFN
CURSO DE PEDAGOGIA**

Tatiana Machado Flores

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Santa Maria, RS
2019

Tatiana Machado Flores

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Trabalho Final de Graduação (TFG II)
apresentado à Comissão de Graduação
do Curso de Pedagogia, da Universidade
Franciscana (UFN), como requisito parcial
e obrigatório para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.
Orientador: Dr. Valdir Pretto

Santa Maria, RS
2019

RESUMO

Quando se trata de pensamento filosófico na atualidade e, principalmente, nas práticas pedagógicas em sala de aula, notamos uma grande lacuna. Quando nos inserimos em sala de aula e podemos ver de perto a importância do ensino de filosofia, em especial, em se tratando de anos iniciais, confirmamos o quanto importante essa disciplina é para o desenvolvimento de uma criança, a fim de que se torne um futuro cidadão crítico. A temática dessa pesquisa nasce por meio da preocupação com o pensamento crítico das crianças e pela vontade de entender como a escola e nós, enquanto profissionais da educação, poderíamos propiciar métodos melhores, os quais instiguem e ajudem na reflexão e não sejam respostas prontas às dificuldades e às vivências dessas crianças. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, entendemos que a filosofia vai muito além do que nos é ensinado, ela já está dentro de nós, quando nos questionamos, quando temos curiosidades, no momento em que queremos mudanças. Enfim, o mais importante é que essa disciplina já está dentro da criança, a qual é puramente filosófica, uma vez que, no início de sua vida, ela se questiona sobre tudo e todos, até que, em algum momento, talvez por grande influência da escola, ou dos adultos em sua volta, a criança perde esse interesse pelo saber, pela indagação. Vendo o impacto que essa perda de interesse pelo saber tem na própria educação e no futuro desses adultos de amanhã, elaboramos a pergunta: o que a escola poderia fazer como práticas pedagógicas para instigar essas crianças à filosofia?

Palavras chave: Anos Iniciais; Práticas Pedagógicas; Filosofia; Educação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
3 CONCLUSÃO.....	16
REFERÊNCIAS.....	17

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa desenvolver o pensar crítico na educação e aprofundar os conhecimentos sobre ele. Buscamos estudar, à luz de alguns autores, como a filosofia pode melhorar o raciocínio dos jovens em formação, priorizando, nesse estudo, os anos iniciais do ensino fundamental da educação básica.

Pensamos que, nos cursos destinados a futuros professores, no ensino superior, o tema filosofia para crianças não tem sido tão recorrente. Contudo, acabamos detectando, nas práticas, a necessidade de mais discussões sobre esse assunto e a construção de artigos acadêmicos focando essa temática. A contribuição da filosofia, para crianças, é, segundo Lipman, “uma ferramenta que permite às crianças o acesso a um pensar autônomo e de alto nível que se projeta em uma melhor capacidade de julgar” (apud KOHAN; KENNEDY, 1999, p. 65). Desse modo, ao pensar na contribuição da escola para com o desenvolvimento desse ser autônomo, abordamos a discussão sobre a filosofia como subsídio para esse processo.

Em 2016, ao iniciarmos nossos estudos no curso de Pedagogia, as preocupações aumentaram ao vermos as lacunas e carências do pensar crítico na área educacional. Assim, percebemos concretamente, como futuros profissionais da área de educação, o papel social da filosofia nos ambientes, nos espaços educacionais, como prioridade.

Pensando na formação dos educandos, para que saibam fazer suas escolhas criticamente, com relação às novas informações, dadas por meio das redes sociais, objetivamos mostrar a importância da reflexão filosófica na prática pedagógica desde os primeiros anos de escolarização.

Ao tratar sobre práticas pedagógicas que visem à reflexão filosófica, Kohan (1998, p.96) defende: “como toda a prática escolar, a leitura acarreta valores que as crianças internalizam e, então, importa desenvolver técnicas predominantemente participativas, cooperativas e igualitárias”. Logo, com práticas de leituras e diferentes métodos, que ajudem as crianças na compreensão das discussões filosóficas propostas, podemos estar formando seres críticos por meio do contato com a lógica desde cedo e não apenas na universidade.

Na concepção de Lipman (1995, p. 15), “melhorar o elemento reflexivo, na educação, é um ponto de partida razoável”. Ao tornar nossa prática mais reflexiva, estaríamos tomando o primeiro passo para tornar o espaço da sala de aula menos tradicional, mais dinâmico e, por consequência, geraríamos um ambiente que estimularia a linguagem e o pensamento do aluno.

O excesso de informações disponíveis na internet está desestimulando os alunos a pensarem por si mesmos. Entretanto, é de fundamental importância desenvolver esse estudo, ainda pouco discutido, na conjuntura atual da nossa sociedade e presente na realidade escolar. Dessa maneira, buscamos, neste estudo, responder ao seguinte problema: ***Quais as contribuições do estudo filosófico, no ensino e aprendizagem dos anos iniciais e na educação infantil, podem ser identificadas na formação de futuros cidadãos críticos?***

Na busca pela resposta a esse questionamento, faz-se necessário relacionarmos a infância com a educação e a filosofia. Kohan (2003, p. 117-118) pontua, ao tratar da infância, que:

Ela não é alvo da educação, mas sua impulsora. A infância educa, em primeiro lugar, a filosofia. A convida a se pensar. Introduz-se no seu pensar. Afirma-se a si mesma nesse pensar, para interromper seus pontos fixos, seus espaços não pensados. Abre as possibilidades da filosofia pensar-se a si mesma como se fosse sempre a primeira vez, como os olhos de uma criança sem idade.

A partir da educação infantil, devemos criar condições para uma educação reflexiva que faça nossos alunos não perderem o interesse pelo conhecimento no decorrer dos anos escolares. Precisamos, principalmente no curso de Pedagogia, rever conceitos relacionados à filosofia da criança e pensar formas de instigar e de fortalecer a criticidade dos nossos futuros alunos. Como futuros professores, manifestamos e fortalecemos nossa preocupação e nossos apontamentos em relação ao tipo de educação que está sendo proporcionado aos alunos em sala de aula.

A preocupação com o desempenho escolar e o pensar crítico das crianças nos faz investir nessa temática, pois, durante muito tempo, as crianças foram consideradas como seres inferiores perante muitas culturas e sociedades.

Porém, essa noção de criança, a palavra e o indivíduo, vem se modificando no decorrer dos anos, com as diferentes propostas de cada filósofo em sua

determinada época e contexto. Devemos sempre pensar nas crianças levando em consideração alguns aspectos, como grupo étnico ao qual pertencem, classe social, questões culturais, dentre outras questões.

Com isso, ao mencionar a contribuição filosófica do Pedagogo atuante com crianças, em meio a tantos momentos de desenvolvimento e de construção de conhecimento, pensamos que uma maior provocação de reflexões e um ensino voltado ao pensar, nessa fase, faz-se importante, principalmente, nesse novo sistema imediatista e na era tecnológica em que estamos inseridos na atualidade.

Com os avanços das tecnologias presentes em nossas vidas, mesmo sem percebermos, vamos, aos poucos, sendo influenciados e recebemos imposições sutis vindas desses meios de comunicação. Para uma criança que ainda não sabe equilibrar as tecnologias com as relações humanas, o julgamento e a compreensão do que se está sendo transmitido, pelas redes sociais, podem estar interferindo negativamente em sua educação.

O papel social do professor reside também em ajudar esses cidadãos no desenvolvimento, os quais estão inseridos nesse meio tecnológico, a conseguir pensar criticamente a respeito das informações que estão recebendo por meio das redes sociais.

O trabalho apresentado é de abordagem qualitativa, por ser focado na busca de um conteúdo vivido a partir da realidade. Assim, temos, como objeto de estudo, algo que se relaciona com o nosso problema de pesquisa, uma reflexão social tal como Minayo (1994, p.10) se refere: “A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano. A ciência é apenas uma forma de expressão desta busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva”.

Por meio da análise e da interpretação de livros, artigos, tese, esse estudo se torna bibliográfico. Logo, durante ele, foram estudadas diferentes contribuições científicas sobre o objeto de pesquisa. Gil (2002, p. 44) explicita que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. É desse modo que se apresenta nossa proposta metodológica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sabemos que o conceito de educação é o ato de ensinar, de educar e de educar-se. Ele tem relação com a pedagogia e o ensino. De acordo com Libâneo, “educar (em latim educare) é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação” (IN. ARANHA, 1996, p. 50). Já em relação à educação na nova conjuntura de sociedade em que vivemos, para Paviani (2005, p. 33), “devemos concluir que a educação, compreendida como processo, como vida social e individual, não admite mais uma concepção única e válida para todos”.

No entanto, a escola, como a que conhecemos hoje, tem se distanciado desse conceito. Por conta das transformações da nossa sociedade e por ser *alicerce do Estado*, grande parte das instituições escolares acabaram por perder muito de seu caráter educacional. Paviani (2005, p. 9) defende que:

A crise constante das funções da escola provém, em grande parte, da sua inadequação às exigências da sociedade. Deve-se também ao fato de oferecer aos jovens e alunos simples instrução, doutrina, conhecimento e habilidades que nem sempre significam condições de opção ou possibilidade de fazer valer sua experiência de pessoas livres e responsáveis.

Conforme Rubin (2002, p.27-31), “A conclusão a que cheguei, por esses e outros fatos, foi de que a escola perdeu o rumo de seus objetivos”. Ao que parece, carregamos os mesmos fantasmas a que esse mesmo autor se refere

Ao iniciar meu trabalho como professor, há mais de quarenta anos atrás, sonhei com uma escola que partisse do desejo de saber, ou para cultivá-lo como se cultivava uma semente, ou para despertá-lo novamente naqueles que o tivessem perdido. Terei conseguido meu intento? Terá melhorado a escola, de lá pra cá?

Esse excerto de texto foi retirado de um livro de 2002, e a resposta a essas perguntas lançadas nele ainda nos inquietam, pois, como futuros pedagogos, inseridos, durante 4 anos, em escolas ao longo do curso de Pedagogia, vemos que as respostas a esses questionamentos não são aquelas que o autor nem que nós gostaríamos de ouvir.

Enquanto futuros profissionais da área da educação, quando pensamos em Filosofia da Educação propriamente dita, não podemos focar apenas no que a filosofia tem a nos oferecer, sem nos lembrarmos do nosso ponto inicial, isto é, a

educação. É apenas partindo da educação e do que se deseja com a *problemática educacional* que poderemos utilizar da filosofia para refletir e para relacionar com os problemas filosóficos em sala de aula. Segundo Saviani (2000, p. 29):

Se estamos preocupados com a Filosofia da Educação, a filosofia só terá sentido na medida em que nos permitir explicitar a *problemática educacional*. Se ela ocultar a *problemática educacional* não estará contribuindo para preencher a sua própria função e como tal estará se traindo enquanto filosofia.

Logo, enquanto educadores dos anos iniciais, devemos usar da filosofia como meio para refletir acerca das *problemáticas educacionais*, tão presentes no nosso cotidiano, tanto em sala de aula quanto na formação de nossos alunos como futuros cidadãos reflexivos.

Quando tratamos de anos iniciais, pensamos na base do ensino que as crianças terão em toda sua trajetória acadêmica e para sua vida como cidadãos, ou seja, pensamos na grande tarefa a que muitos educadores se propõem a fazer durante essa fase das crianças. Na concepção de Saviani (2000, p.9), “toda a educação deve ter uma orientação filosófica. Admite-se também que toda filosofia desempenha papel imprescindível na formação do educador”. Essa é uma fase muito importante, em que a criança está se integrando à sociedade, aprendendo a aprender, questionando-se sobre o seu lugar no mundo e, sobretudo, já consegue filosofar. Nesse contexto, nós, profissionais empenhados a enfrentar esses questionamentos, devemos começar a ensinar fundamentados na filosofia.

A filosofia, no ensino fundamental, é mencionada, na Base Comum Curricular Nacional (BNCC), como formação de sujeitos que compreendam e respeitem o próximo, ou seja, como relações humanas. “A BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global” (2017, p.14). Dessa maneira, o trabalho da filosofia com crianças, nos anos iniciais do ensino fundamental, faz-se necessário se quisermos atingir o compromisso explicitado nesse documento. Nele, há o compromisso com a promoção dessa aprendizagem integral da criança em um novo cenário de acúmulo de informações no qual estamos vivendo.

Ensinar filosofia às crianças não significaria ter uma nova disciplina, mas sim trabalhar conteúdos que ajudem a mudar o modo como os alunos pensam,

ensinando-os a fazer bons julgamentos em relação a tudo o que lhes é ensinado. Isso é respaldado na fala de Sharp (IN. KOHAN. 1999, p.19): “Quando o processo filosófico dá certo, as pessoas podem chegar a ser pessoas que fazem bons julgamentos”.

Nesse mesmo seguimento, Lipman (1995, p.14) defende que:

O pensar na educação se propõe como um passo nesta direção. Ele não reivindica ser definitivo, mas busca, realmente, levantar muitas das questões que precisam ser levantadas, assim como fornecer algumas das respostas neste estágio muito inicial do desenvolvimento de um processo educacional orientado para o pensar.

A educação, por meio da filosofia, objetiva, nos dias atuais, estabelecer a reflexão e a transformação das crianças, a partir de diferentes atividades desenvolvidas em sala de aula, com o intuito de torná-las pessoas criativas e pensantes. A filosofia surge para contribuir na formação desse futuro cidadão. Sobre as funções da filosofia da educação, Paviani (2005, p.17) lembra:

Se é verdade que a filosofia nunca poderá ser um conhecimento divorciado da investigação científica, também é verdade, e isto é de sua natureza, que ela se realiza especulando criticamente os problemas que a ciência põe de lado, tais como o da existência do homem no universo, do bem e do mal, da vida e da morte.

Ao pensarmos na educação filosófica e em como introduzir a filosofia de forma com que contribua na formação de crianças, precisamos também ter muito bem claro o conceito de infância. Para Cohn (2005, p.21),

Ela não existe desde sempre, e o que hoje entendemos por infância foi sendo elaborado ao longo do tempo na Europa, simultaneamente com mudanças na composição familiar, nas noções de maternidade e paternidade, e no cotidiano e na vida das crianças, inclusive por sua institucionalização pela educação escolar.

Também temos alguns estatutos e leis que consideram criança a pessoa de até 12 anos incompletos, como é citado no Estatuto da Criança e do Adolescente Art. 2º. (BRASIL, 1990)

Segundo O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, “a criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico” (BRASIL, 1998, p.21).

Portanto, quando pensamos em trabalhar a reflexão crítica, em sala de aula, por meio da filosofia, partimos de questões da nossa própria natureza. Ao contrário das demais disciplinas, a filosofia nos dá a opção de refletirmos por nós mesmos, sem ter respostas já prontas e bebendo das ideias de diferentes pensadores. Com isso, poderemos formular nossas próprias respostas aos problemas oriundos da nossa sociedade e da natureza humana.

Conforme Rubin (2002, p. 26):

Talvez não seja toda a verdade que os jovens tenham simplesmente perdido o desejo de saber. Talvez, o que esteja mesmo acontecendo seria a perda em novos jovens da confiança de conseguirem satisfazer na escola esse desejo. Perderam a confiança na escola. A escola não seria mais uma instituição capaz de lhes dar respostas à sua curiosidade inata.

Assim, queremos, com esse estudo, repensar, enquanto futuros professores, as práticas pedagógicas e a forma como as estamos abordando em sala de aula, isto é, a forma como estamos oportunizando a construção do conhecimento mesmo com tanta interferência da tecnologia no cotidiano das pessoas. Consideramos importante nos focarmos no sentido mais amplo de pensar a fim de ensinarmos a essas crianças como julgar de forma inteligente o conhecimento, dar subsídios para que contestem o elevado número de informações a que estão integradas. De acordo com Sharp (IN. KOHAN. 1998, p.19):

Trata-se de pedir aos professores e administradores escolares que repensem aquilo que entendem por educação, que parem de pensar tanto na informação e que comecem a pensar no próprio pensar, em sentimentos apropriados e boas relações sociais, pois, dessa maneira, estaremos proporcionando às crianças uma oportunidade de fazer julgamentos inteligentes em suas vidas, estaremos apresentando-lhes opções para escolher, as ferramentas que precisam para pensar novas opções, novos sentidos e significados, novas relações.

No entanto, sabemos da realidade do professor em sala de aula. Nas palavras de Rubin (2002, p. 28):

Os professores, por sua vez, sentem-se pressionados, de um lado, pelo programa extenso a executar e, de outro lado, pela incumbência de controlar a disciplina, averiguar as presenças, avaliar o aproveitamento dos alunos, registrar relatórios escolares. Instaure-se, com isso tudo, um sistema deletério de pressão, de coação.

Por conta dos objetivos a serem alcançados e em função dessa realidade maçante de sala de aula, precisamos, como futuros educadores, tentar mudar essa realidade por meio de práticas que se distanciem de condições mecânicas de ensino.

Durante as práticas pedagógicas que utilizaremos dentro da sala de aula, principalmente nos anos iniciais, precisaremos abordar, de formas diferenciadas, atividades que motivem e que criem o ambiente propício para a discussão filosófica. Tendo como base a problematização de um texto filosófico tal como na proposta da Filosofia para Crianças (FpC) de Lipman, também poderia ser trabalhado, de forma mais lúdica e participativa, conteúdos que instiguem o interesse desses alunos a se interessarem pela compreensão dos textos. Para KOHAN (1998, p.95):

Afirmamos que em filosofia para crianças se parte de um mesmo texto com o propósito de que não haja na problematização de um conceito filosófico diferenças simbólicas que sejam agregadas às que as próprias crianças já trazem. Trata-se de encontrar um lugar comum, compartilhado, onde se inicie a busca de questionamento, sentido e significação.

Seguindo a reflexão do mesmo autor (KOHAN, 1998, p.95), os docentes podem: “procurar encontrar um equilíbrio adequado entre garantir a compreensão do texto por parte da totalidade dos alunos e, ao mesmo tempo, motivar seu interesse e participação neste ponto de partida da indagação filosófica”.

O propósito seria desenvolver atividades ligadas ao pensamento crítico da criança em situação de anos iniciais, pensadas, por meio desse estudo a partir do viés da filosofia. Para Lipman (1990), a proposta do FpC seria “produzir pessoas que se aproximam do ideal de racionalidade” (IN. GUZZO, 2018, p.49), ou seja, promover um ensino que forme crianças com pensamento crítico sob a realidade.

Silveira (2001) afirma que a prontidão cognitiva da criança não é algo que deva ser aguardado, mas estimulado. Levando em consideração essa ideia, apresentamos a proposta de material didático de Lipman no FpC constituído por *livros de romances ou novelas filosóficas*. Conforme ele, o uso desse material diferenciado dos livros didáticos, que são tão impositivos e “formais”, promoveria o incentivo necessário ao pensar das crianças.

Ao todo, foram criadas, por Lipman, sete novelas filosóficas para o currículo da Filosofia para Crianças, cada uma destinada a uma diferente faixa etária. Cada novela tinha, também, personagens que eram associados aos nomes dos pensadores famosos da filosofia, como *Ari dos Telles* com Aristóteles e *Mark* com Marx.

O programa FpC, de Lipman (IN. GUZZO, 2018), apresenta, como principal questionamento, o fato de que as crianças também podem filosofar ou “fazer filosofia”. Para Silveira (2001, p.49), “o que envolve “deliberação”, “diálogo” e “raciocínio”. E isso as crianças podem fazer, na medida em que leem, discutem e raciocinam sobre os temas de que se ocupavam os filósofos, tais como “verdade”, “justiça”, entre outros”. Assim, pode-se deixar de lado o mito de que só os adultos podem pensar racional e criticamente.

Estimulando as crianças desde o ensino básico, a desenvolverem seu pensamento crítico, incentivando a reflexão e a tomada de decisões por parte delas, sem depender do que lhes é apresentado, em meio a tantas informações propagadas pelos diferentes meios, estaremos formando indivíduos que poderão contribuir para o desenvolvimento humano e da sociedade. E farão isso tendo posições próprias, saberão discutir e refletir criticamente sobre o que lhes for imposto.

Segundo afirma Guzzo (2018, p.32): “um pensador crítico, pelo menos em termos ideais, é um sujeito interessado e disposto a buscar razões que fundamentem (ou possam contrapor) suas ideias e decisões, e que tem capacidade cognitiva para analisá-las adequadamente”.

É oportuno, igualmente, que nos lembremos do que pontua Siegel (1988, p. 23):

Esta é, penso, a característica definidora do pensamento crítico: o foco nas razões, e no poder das razões para justificar ou fundamentar crenças, afirmações e ações. Uma pensadora crítica, então, é alguém apropriadamente movida por razões: ela tem uma propensão ou disposição de acreditar e agir de acordo com razões; e ela tem a habilidade de apropriadamente avaliar a força das razões nos muitos contextos em que as razões têm um papel (IN. GUZZO, 2018, p.32).

Ainda, quando pensamos em formar pessoas que apresentem uma reflexão mais crítica, podemos considerar que:

A primeira definição proposta por Ennis, por exemplo, caracteriza o pensamento crítico como “a correta avaliação de alegações” (ENNIS, 1962, p. 83), o que indica um entendimento do pensamento crítico como um sinônimo do desenvolvimento de capacidades intelectuais que permitam às pessoas avaliar ideias de maneira mais apropriada, com pouco destaque ao aspecto comportamental, à disposição de os sujeitos aplicarem estas capacidades cognitivas (IN GUZZO, 2018, p. 28).

No mundo digital em que nossas crianças estão inseridas, o pensamento crítico delas acaba por ser moldado. O mesmo acontece em um espaço escolar que não instiga o pensamento, e sim no qual são dadas prontas as respostas aos questionamentos que surgem no decorrer das aulas. Devemos nos questionar até que ponto a escola e as tecnologias digitais utilizadas, quando empregadas sem nenhum enfoque e cuidado, estão retardando o desenvolvimento de nossas crianças ao invés de estimular as habilidades de raciocínio nelas. Lipman (1988) defende que:

A autocorreção do pensamento encontra um ambiente mais favorável para fluir na escola, quando há a liberdade para que docentes e estudantes possam trocar ideias, apresentar seus pontos de vista e compartilhar as razões pelas quais sustentam suas posições. Assim, ao ter contato com como seus colegas e professores organizam suas ideias, e ao examinar as maneiras de pensar de outras pessoas do grupo, é possível que os estudantes e professores internalizem estes processos de pensamento, não para imitá-los, mas para acrescentar novas ideias e modos de pensar a seu repertório, e incorporar aqueles que podem aperfeiçoar a sua forma de refletir e argumentar (IN GUZZO, 2018, p. 30).

Pensamos que, além disso, por meio da filosofia, podemos mudar os métodos tradicionais de aprendizagem nas escolas, que vimos até os dias atuais. RUBIN (2001, p.42) menciona que “A escola deveria, pois, caracterizar-se por ser a instituição que se ocupa do exercício da mente dos educandos”. Acreditamos que a filosofia o melhor meio para se chegar nesse objetivo.

A escola e, acima de tudo, nós, professores, precisamos ir além do tradicional. Conforme cita RUBIN (2001, p.43), “a escola tradicional entende por aprendizagem adquirir o maior número possível de informações de conteúdos [...] privilegiando a memória, “a grande simuladora de inteligência”. Logo, enquanto educadores, não devemos simular inteligência e compreensão das informações. Ainda, segundo o mesmo autor (2001, p.44): “A inteligência não se desenvolve pelo acúmulo de informações”. Pensamos ainda que, com tantas tecnologias, nossos alunos podem buscar excessos de conteúdo sem compreensão, por meio da própria internet, no conforto de suas casas.

O ensino da filosofia, para crianças, nessa formação, seria muito importante ao se pensar em uma educação que contribua com a consciência crítica, mesmo diante dessa avalanche de conteúdos, de informações, que chegam às crianças com tanta velocidade.

Aquilo que abordarmos de filosofia, na educação, nas práticas pedagógicas, seria um modo de, além de contribuir para uma formação crítica dos alunos envolvidos, também conseguir mudar o conceito tradicional que se entende ainda sobre educação e acerca do exercício de filosofar, principalmente por parte dos alunos nos anos iniciais. Rubin (2002, p.74-75) escreve que “se a filosofia é o exercício de entendermos aquela dimensão do mundo real, que ultrapassa o imediato sensível, o entendimento resultaria numa atividade sublime, coisa de maravilhar a quem dele tomasse consciência”.

Assim, por meio da filosofia, possibilitaríamos uma forma de o aluno se maravilhar pela educação, pelo conhecimento, sem perdermos o que a criança tem de tão especial, a criatividade, a vontade de conhecer o novo, *o assombro*. Por fim, Rubin (2002, p.78) lembra que: “A capacidade de conhecimento é tão assombrosa que só podemos lamentar a monotonia do cotidiano que consegue amortecer em nós o assombro”. Portanto, não podemos, assim como ocorre no cotidiano, fazer com que a escola *amorteça os assombros* das novas gerações.

3 CONCLUSÃO

O que podemos observar, com as leituras empreendidas, no encontro com os diferentes autores e na relação filosofia e educação, foi a importância de inserir a filosofia nas práticas educacionais nos anos iniciais da vida de uma criança. Após todas as leituras, chegamos à mesma conclusão: é a escola que, muitas vezes, impossibilita um desejo maior de saber das crianças, um saber mais aprofundado e crítico, gerando uma preocupação futura com maior intensidade. Esse não deveria ser o papel do professor, mas estamos vendo, lamentavelmente, em muitos espaços formais da educação, esse distanciamento de um conhecer mais amplo que a filosofia pode proporcionar no desenvolvimento crítico do cidadão que está em formação. E por que essa preocupação fica visível e é sentida por tantos autores estudados?

Quem sabe, a resposta para essa pergunta seja por ainda essa temática ter pouca importância nos cursos de formação para professores e, principalmente, em função de a filosofia ter sido reduzida a uma disciplina do ensino médio, a qual ficou esquecida na base da educação nos anos iniciais, como notamos nos estatutos e nas bases que fundamentam a organização do ensino básico.

Nos anos finais da educação, a filosofia é abordada como tendo papel fundamental de tornar o educando mais reflexivo sobre seu papel na sociedade, seu sentido no mundo. Isso deveria ocorrer também nos anos iniciais. Ao tratar essa disciplina nas aulas das crianças das séries iniciais, conseguiríamos nós, como professores, fazer que, no futuro, os educandos tivessem mais bem estabelecido o ato da reflexão e, assim, chegaríamos mais perto do que objetiva a educação enquanto meio de desenvolvimento crítico, de transformação e de construção de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 10 set. 2019.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.
- COHN, C. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUZZO, G. **O pensar na educação: uma discussão sobre as implicações da psicologia cognitiva para o exercício do pensamento crítico**. Tese – PUC – RS, Porto Alegre, 2018.
- KOHAN, W. O. **Infância**. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- KOHAN, W. O. WUENSCH, A. M. (orgs.) **Filosofia para Crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- KOHAN, W. O. KENNEDY, D. **Filosofia e infância: possibilidades de um encontro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- LIPMAN, M. **O pensar na educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LIPMAN, M. Uma visão sobre o pensamento crítico: mover-se apropriadamente por razões. apud. GUZZO, G. **O pensar na educação: uma discussão sobre as implicações da psicologia cognitiva para o exercício do pensamento crítico**. Tese – PUC – RS, Porto Alegre, 2018.
- MINAYO, M. C. de S. Gomes, R. Neto, O. C. Deslandes, S. F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- PAVIANI, J. **Problemas de filosofia da educação: o cultural, o político, o ético na escola, o pedagógico, o epistemológico no ensino**. 7. ed. Caxias do Sul, RS: Educ, 2005.
- RUBIN, A. A. **Minha pequena filósofa. Minha pequena filosofia**. Santa Maria: Pallotti, 2001.
- RUBIN, A. A. **Também você é filósofo**. Santa Maria: Pallotti, 2002.
- SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 13. ed. Capinas: SP: Autores Associados, 2000.

SILVEIRA, R. J. T. **A filosofia vai à escola?** Contribuição para a crítica do Programa de Filosofia para Crianças de Metthew Lipman. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.